

Dependendo das importações

Rogério L. Furquim Werneck*

Há grande esperança de que as importações possam desempenhar dois papéis cruciais. De um lado, espera-se que ajudem a assegurar que a vigorosa expansão de demanda que vem sendo observada no País encontre resposta adequada da oferta de bens e serviços. De outro, espera-se que o crescimento das importações acabe eliminando o excesso de oferta do mercado de câmbio e ajude a reverter o processo de apreciação cambial que vem tendo lugar há muitos meses. Serão as importações de fato capazes de desempenhar esses dois papéis? Entre as muitas dúvidas contidas nessa difícil indagação, há que se ter em conta a desconfiança visceral que importações ainda despertam em boa parte da elite política e empresarial do País.

A curto prazo, a grande questão é até que ponto as importações poderão ampliar o espaço para acomodar, sem pressões sobre a inflação, a forte recuperação de demanda que está em curso. A constatação de que boa parte dessa demanda envolve bens e serviços comercializados internacionalmente tem dado alento a visões bastante otimistas a esse respeito. Mas é preciso ter em mente que uma coisa é deflagrar um processo de importação. Outra, bem diferente, é tornar disponível o produto importado. Entre uma e outra, há que se agregar ao valor do produto margem substancial de comercialização e logística, que envolve desembarque em portos mal geridos, desembarço alfandegário moroso e pouco confiável e uso de um sistema de transporte deficiente e visivelmente sobrecarregado. Ou seja, tornar de fato disponível um bem importado exige utilização intensiva de serviços não-comercializados internacionalmente, com oferta pouco elástica.

Com a perspectiva de uma safra agrícola recorde, já há fila de seis meses para entrega de caminhões novos e crescem os temores de um apagão logístico, com níveis inusitados de congestionamento de portos e estradas. Não é o quadro ideal para se confiar em fluxo amplo e desimpedido de importações. É verdade que há muito espaço para remoção de entraves ao fluxo de produtos importados. Mas, infelizmente, no que diz respeito às complexas engrenagens da importação, a visão dominante no País ainda parece ser a de que a preocupação “patriótica” deveria ser botar mais areia no mecanismo e não a lubrificação.

A desconfiança atávica que as importações despertam poderá também agravar apreciação do câmbio. Já há alguns anos o comércio exterior do País vem sendo beneficiado pela elevação dos preços das exportações brasileiras, em decorrência do processo de integração de grandes contingentes populacionais da Ásia à economia mundial. Há boas razões para se crer que parte importante dessa mudança nos termos de troca vá se mostrar duradoura. Mas mesmo bafejada por esse colossal choque

favorável, a economia brasileira continua aferrada a um regime de importações ultrapassado, moldado ao longo de décadas de estrangulamento cambial. A combinação de importações reprimidas, que mal alcançam 8,5% do PIB, com exportações que já correspondem a quase 13% do PIB, tem mantido o mercado de câmbio sob inexorável excesso de oferta. Dadas as resistências à desmontagem do obsoleto regime de importações, a eliminação desse desequilíbrio vai-se dando pela apreciação cambial, com danos desnecessários sobre as exportações. Mas, numa terra onde até exportadores se dão ao luxo de ser protecionistas, esse ponto trivial ainda não parece ter sido devidamente percebido.

Com três gerações educadas na crença inabalável na tendência secular à deterioração de preços de *commodities*, o País vem encontrando enorme dificuldade para lidar com a nova realidade que o desenvolvimento acelerado da Ásia vem impondo ao comércio mundial. Importações continuam sendo vistas como um mal a ser evitado. Há até mesmo quem prefira tributar exportações. Apesar do discurso supostamente modernizado do governo, que agora fala de integração competitiva, quando a coisa aperta, o que aflora é a velha alma mercantilista. Sem ir mais longe, basta ver o que anda dizendo o ministro da Saúde. Convencido de que a “balança comercial deficitária na área da saúde” representa uma grande vulnerabilidade da política social brasileira, o ministro se diz empenhado na montagem de um programa ousado de substituição de importações para o setor. A mentalidade ainda é essa.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.